

**COMUNICALAB: uma
ponte entre Sorocaba
e as pesquisas em
Comunicação da Uniso**

COMUNICALAB: a bridge between
the city of Sorocaba and Uniso's
Graduate Program

COMUNICALAB: el puente entre la
ciudad de Sorocaba y Uniso's
Programa de Postgrado

Leila Gapy¹

Mara Rovida²

Monica Martinez³

Paulo Celso da Silva^{4, 5}

RESUMO

Este trabalho consiste no relato do projeto de pesquisa, extensão e ensino do Laboratório de Experimentação Comunicacional (Comunicalab), realizado em 2018 pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da

¹ Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (UNISO). Mestre em Comunicação e Cultura (PPGCC) pela Universidade de Sorocaba (Uniso), bolsista pelo Prosup/Capes; especialista em Jornalismo Literário pela ABJL-FAVI; jornalista pela Uniso. E-mail: leila.gapy@hotmail.com.

² Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso) na linha de pesquisa Mídia e Práticas Socioculturais, membro do Grupo de Pesquisas Mídia e Cidade (MidCid) e líder do laboratório de experimentação comunicacional Comunicalab. E-mail: mara.rovida@prof.uniso.br.

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso), São Paulo, onde é líder do Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas (NAMI/Uniso/CNPq). É presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e co-chair do Strategic Scientific Committee (SSC) da IALJS (International Association for Literary Journalism Studies). E-mail: monica.martinez@prof.uniso.br.

⁴ Professor do Programa de Pós-Graduação em comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Email: paulo.silva@prof.uniso.br.

⁵ Endereço de contato dos autores (por correspondência): Universidade de Sorocaba, Reitoria, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. Rodovia Raposo Tavares, km, 92.5, Cidade Universitária, CEP: 18023-000 - Sorocaba, SP – Brasil.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p166>

Universidade de Sorocaba (Uniso). O projeto consistiu na produção de vinte narrativas audiovisuais da trajetória pessoal e profissional de sorocabanos, tendo sido desenvolvido a partir de pesquisa das histórias de vida e entrevistas. O trabalho de coleta e gravação de dados foi dividido em três blocos, com respectivas equipes três professores e alunos responsáveis. O resultado final será disponibilizado à comunidade por meio digital gratuito.

PALAVRAS-CHAVE: Projeto de extensão; Narrativa midiática; História de vida; Cidades; Sorocaba.

ABSTRACT

The aim of this article is to report the research project conducted by the Communicational Experimentation Laboratory (Comunicalab), in 2018, at the Graduate Program in Communication and Culture of the University of Sorocaba (Uniso). The project consisted in the production of twenty audiovisual narratives of personal and professional trajectory of inhabitants of the city of Sorocaba, using as methodological approach life histories and interviews. The work of data collection and recording was divided into three blocks, with respective teams represented by three professors and respective students. The final result will be made available to the community through free digital means.

KEYWORDS: Extension project; Media narrative; Life stories; Cities; Sorocaba.

RESUMEN

Este trabajo consiste en el relato del proyecto de investigación, extensión y enseñanza del Laboratorio de Experimentación Comunicacional del Laboratorio de Comunicación (Comunicalab), realizado en 2018 por el Programa de Postgrado en Comunicación y Cultura de la Universidad de Sorocaba (Uniso). El proyecto consistió en la producción de veinte narrativas audiovisuales de la trayectoria personal y profesional de sorocabanos, habiendo sido desarrollado a partir de investigación de las historias de vida y entrevistas. El trabajo de recolección y grabación de datos fue dividido en tres bloques, con sus



revista
Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 5, n. 4, Julho-Setembro. 2019

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p166>

respectivos equipos tres profesores y alumnos responsables. El resultado final se pondrá a disposición de la comunidad por medio digital gratuito.

PALABRAS CLAVE: Proyecto de extensión; Narrativa mediática; Historia de vida; ciudades; Sorocaba.

Recebido em: 12.03.2019. Aceito em: 16.05.2019. Publicado em: 01.07.2019.

“No interior da grande cidade de todos está a cidade pequena em que realmente vivemos.”

José Saramago

Introdução

O laboratório de experimentação comunicacional Comunicalab do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (PPGCC-Uniso) se orienta como um espaço de extensão universitária, pautado pela integração entre pesquisa e ensino, graduação e pós-graduação, universidade e sociedade. A experimentação norteia as atividades deste projeto que se configura não como um curso específico, mas como uma proposta de laboratório com a participação de alunos da Universidade e membros da comunidade.

Como iniciativa do PPGCC-Uniso, o projeto pretende incentivar o diálogo com a graduação de maneira a contribuir com a relação entre Universidade e comunidade. Nesse sentido, a comunicação em suas várias facetas é o ponto de apoio para a projeção de atividades que promovam vivências embasadas pelo conhecimento científico, mas que extrapolem o ambiente acadêmico. Essa perspectiva tanto abarca a possibilidade de experiências imersivas em universos além dos muros da universidade como a observação e análise crítica de fenômenos comunicacionais em meio à comunidade da qual a Universidade de Sorocaba faz parte.

Sem fixar-se, portanto, numa esfera específica da Comunicação, a proposta do Comunicalab se organiza como espaço aberto para experiências que contribuam com a formação dos alunos e permitam uma atuação universitária mais efetiva na comunidade. Dessa forma, a cada proposta um

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p166>

novo ciclo de atividades é apresentado para graduandos, pós-graduandos, docentes, pesquisadores e demais interessados na experimentação comunicacional.

A atividade idealizada como proposta inaugural do Comunicalab começou a ser desenvolvida no primeiro semestre de 2018, sob coordenação da Profa. Dra. Mara Roviada, em parceria com a Secretaria de Cultura e Turismo da Prefeitura Municipal de Sorocaba. A equipe da universidade foi composta pelos professores Paulo Celso da Silva, líder do Grupo de Pesquisa em Mídias e Cidades (Midcid/UNiso/CNPq) e Monica Martinez, líder do Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas (Nami/UNiso/CNPq), que por sua vez convidaram como assistentes da pesquisa a mestranda Jennifer Silva Lucchesi (MidCid), Leila Gapy (Nami), atualmente mestre, e Bruna Emy Camargo, à época graduanda em Jornalismo pela Uniso e atualmente mestranda do PPGCC-Uniso.

A proposta de trabalho do Comunicalab teve por foco a produção de narrativas audiovisuais que representassem as várias vozes (polifonia) e as várias perspectivas (polissemia) que permeiam a realidade contemporânea. O objetivo era encontrar personagens anônimos ou célebres que pudessem contribuir com a elaboração de um material que represente experiências diversas de cidadãos sorocabanos. Esses depoimentos ou narrativas farão parte de um projeto mais amplo atualmente em desenvolvimento pela Secretaria de Cultura e Turismo da Prefeitura Municipal de Sorocaba.

O projeto da Prefeitura tem a ambição de criar uma espécie de museu da pessoa em que personagens das mais diversas origens e com as mais diferentes participações em sociedade possam ter suas histórias registradas. O material será editado e exposto em uma plataforma on-line, ainda em elaboração, bem

como será distribuído gratuitamente para toda a rede de TVs Comunitárias do Brasil e estará disponível no site de compartilhamento de vídeos *Youtube*.

A parte técnica da produção, gravação e edição das imagens ficou a cargo de uma produtora contratada pela Prefeitura. A parceria com a Universidade de Sorocaba permitiu, portanto, aos docentes e alunos participantes a experimentação no que diz respeito à escolha dos personagens, à condução das entrevistas e à forma das gravações. Dessa maneira, a escolha e o contato com os personagens foram organizados pelos participantes do Comunicalab 2018, sob orientação dos docentes responsáveis. Foram escolhidos 20 personagens cujas histórias estão registradas em peças audiovisuais, ainda em edição, de cerca de 30 minutos cada.

Para dar andamento a esta proposta, as atividades foram divididas em dois momentos, um de organização e definição de estratégias e outro para a gravação das entrevistas. No primeiro semestre de 2018, foram definidos os subtemas e a lista de entrevistados que participaram do projeto. Nesse primeiro momento, foram realizadas reuniões entre os docentes do PPGCC responsáveis pelas atividades e representantes da Prefeitura, envolvidos na parceria. No segundo semestre do ano, foram gravadas todas as entrevistas.

Os 20 personagens escolhidos têm relação não só com a cidade, mas também com a comunidade sorocabana, por meio do desempenho profissional de relevância social. Dessa forma, a composição dos entrevistados foi:

- 1) Cinco entrevistas às pesquisas socioculturais encabeçadas pela profa. dra. Mara Rovida (Midcid);
- 2) Cinco entrevistas às pesquisas educacionais encabeçadas pelo prof. dr. Paulo Celso da Silva (Midcid);

- 3) Dez entrevistas às pesquisas em Jornalismo Literário encabeçadas pela profa. dra. Monica Martinez (Nami).

Essa divisão, em ordem alfabética dos grupos de pesquisa aos quais os professores que integram a equipe se dedicam, também norteará as observações aqui relatadas.

Em sua primeira fase, portanto, o projeto contou com a seleção dos 20 personagens, nomes que foram propostos pelos profissionais ligados ao Comunicab e posteriormente aprovados pela Universidade e pela Secretaria de Cultura e Turismo de Sorocaba.

Metodologia

A metodologia aqui aplicada, do ponto de vista empírico e teórico, é a história de vida (MARTINEZ, 2008, 2015), com base em estudos de documentos e produções dos entrevistados, seguida de entrevista aprofundada (DUARTE, 2005; MEDINA, 1990). Numa primeira etapa, os 20 personagens escolhidos foram amplamente pesquisados. Para isso, houve pesquisa flutuante (BARDIN, 2011) de perfis virtuais e análise de jornadas expostas nas redes sociais. Depois de um primeiro contato, foi solicitado o envio de currículo básico e breve relato de vida, além de conversa informal. Num terceiro momento, um roteiro de entrevistas foi desenvolvido, partindo da história de vida alinhada com a profissional, com pontuações de destaque sobre os vínculos com a história de Sorocaba – cidade onde o projeto é desenvolvido.

Corpus

O *corpus* analisado parte da história de vida pessoal e profissional de 20 personagens da história sorocabana, consistindo em três divisões de trabalho, respectivamente de cinco, cinco e dez histórias de vida.

Midcid: bloco Mulheres sorocabanas e o engajamento social

Como parte da reflexão do Projeto de Pesquisa Regular “Jornalismo periférico – o diálogo social solidário nas bordas urbanas”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp 2018/00312-6) e em desenvolvimento no PPGCC da Uniso sob responsabilidade de Mara Rovida, a etapa das entrevistas de mulheres participantes de ações e movimentos sociais teve por objetivo registrar o perfil de personagens sorocabanas com experiência em trabalhos em áreas periféricas da cidade e da região. Como o projeto Fapesp compreende uma discussão acerca da noção de periferia como território ocupado/construído por sujeitos (SANTOS, 1979), ainda que as histórias relatadas na atividade do Comunicab não se circunscrevam aos bairros e distritos mais distantes do centro estruturado, os sujeitos participantes das ações dessas personagens são entendidos como periféricos.

O empobrecimento da periferia provoca a formação de uma verdadeira *periferia dentro do polo*. A noção de periferia estava até aqui carregada da noção de *distância*, que constitui, de longe, o fundamento da maior parte das teorias espaciais e locacionais. À essa noção de periferia, dita “geográfica”, é preciso opor uma outra, a de periferia socioeconômica, se levarmos simultaneamente em consideração os lugares tornados marginais ao processo de desenvolvimento e, sobretudo, os homens rejeitados pelo crescimento. Estes homens formam a periferia social dentro do polo econômico e, se o modelo de crescimento continuar a ser o que é, estão arriscados a, por longo tempo ainda, encontrar aí sua única residência possível (SANTOS, 1979, p. 65, grifos no original).

A compreensão da ideia de populações marginalizadas observadas nas ações das entrevistadas nessa etapa do projeto tem como base a indicação de Santos (1979) apresentada no excerto. Aliada a essa perspectiva de periferia socioeconômica, lança-se mão de outros marcadores sociais que aparecem na discussão de pesquisadores como Tiarajú Pablo D'Andrea (2013), que diferencia os sujeitos periféricos dos moradores das periferias. Para o autor, os sujeitos periféricos são indivíduos que transitaram do estigma de ser periférico para o orgulho dessa identidade, que passa a ser simbolicamente representativa de um estar em sociedade engajado e, em algum grau, militante. Por sua vez, Torres e Marques (2003) apresentam as múltiplas facetas do que é ser periférico e, portanto, evidenciam a heterogeneidade dos grupos que vivem nesses espaços de segregação social. Assim, é possível compreender que há diferenças de classes sociais na periferia, assim como outros marcadores como gênero e raça que precisam ser observados. Ermínia Maricato (2000) contribui com a reflexão sobre o desenvolvimento histórico urbano desde a década de 1940 para compreender a periferização (espraiamento) das cidades brasileiras, bem como o crescimento dos chamados bolsões de pobreza nos centros urbanos. Essa perspectiva teórica compreende de certa forma a ideia de que os sujeitos que formam o território entendido como periférico são heterogêneos, mas compartilham algumas experiências, essencialmente naquilo que diz respeito às dificuldades de acesso à cidadania. Isso inclui, segundo D'Andrea (2013), a (i)mobilidade urbana, os serviços de educação, saúde e cultura, bem como outros aspectos do viver nas cidades. Por isso, os sujeitos atendidos, apoiados pela atuação das personagens presentes nessa etapa do projeto, embora diversos, parecem enfrentar algum tipo de dificuldade de acesso social. Este foi

o ponto de contato entre os personagens das diferentes narrativas apresentadas pelas cinco entrevistadas.

Raquel da Silva Barros – ONG Lua Nova

Raquel da Silva Barros (52 anos) é uma figura bastante conhecida em Sorocaba, por sua atuação com mulheres, sobretudo jovens, em situação de vulnerabilidade. Psicóloga formada pela Universidade de São Paulo (USP), com mestrado na mesma instituição, Raquel está na etapa final do seu doutorado em Psicologia pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Ela criou a Organização Não-Governamental Lua Nova, que acolheu mulheres, muitas grávidas, em situação de rua em Sorocaba e região. Atualmente, a ONG está sob comando de um grupo de mulheres atendidas anteriormente pela entidade e sua sede foi transferida para Araçoiaba da Serra, região metropolitana de Sorocaba, no interior de São Paulo, além de ter seu nome alterado para Associação Meninas da Lua⁶. Depois de um período de afastamento do trabalho provocado por um câncer, Raquel passou a lecionar na Faculdade de Engenharia de Sorocaba (Facens), além de atuar em novas frentes de trabalho social junto a mulheres que vivem na região da Cracolândia, centro da cidade de São Paulo, conhecida por ser um espaço de conflitos sociais causados pela presença de dependentes químicos em situação de rua.

Maria Ângela de Oliveira Oliveira – Associação do Amor Inclusivo

⁶ <https://www.facebook.com/associacaomeninasdalua/>

Maria Ângela de Oliveira Oliveira (56 anos) é professora na Uniso, formada em Matemática e Pedagogia, mestre e doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Rio Claro. Apesar de sua formação e experiência profissionais serem voltadas para os números e o ensino da Matemática, a criação da Associação do Amor Inclusivo⁷ tem por fundamento seu trabalho com o ensino de Libras – Língua Brasileira de Sinais – e ações inclusivas de surdos. Além deste, Maria Ângela atua de maneira a atender demandas específicas de pessoas que, em decorrência da surdez, enfrentam dificuldades para finalizar os estudos, acender profissionalmente ou conquistar novos espaços de atuação.

Maria José de Almeida Lima – Movimento de Mulheres Negras de Sorocaba (Momunes)

A professora da rede estadual de São Paulo aposentada Maria José de Almeida Lima (74 anos), também conhecida como Mazé Lima, é uma personalidade de Sorocaba. Sua ação militante pela defesa das mulheres negras data de 1997, quando formou um pequeno grupo de música e cultura africanas para resgatar a memória afetiva dos antepassados. O trabalho cresceu ao longo das décadas e se transformou numa Organização da Sociedade Civil (Oscip). Atualmente, o Momunes⁸ têm várias frentes de atuação que vão de cursos de formação, trabalho cultural e artístico ao atendimento a mulheres em situação de vulnerabilidade. Mazé Lima já ocupou espaços na política municipal de

⁷ <http://aainclusivo.blogspot.com>

⁸ <http://www.momunes.org.br>

Sorocaba e é figura recorrente nos espaços de discussão e decisão de políticas públicas.

Sonia Aparecida Rocha Moreli – Associação Sorocabana de Amor Exigente (ASAE)

Sonia Aparecida Rocha Moreli (62 anos) é suplente da coordenação da Regional da Associação Sorocabana de Amor Exigente⁹. Ela traz um histórico de vida inesperado, tento em vista o que se conhece sobre pessoas e famílias que buscam esse trabalho de apoio. Sonia conta que nunca teve problemas em sua família com drogadição, mas ela descobriu no trabalho do Amor Exigente um espaço de formação e aperfeiçoamento que contribuiu sobremaneira para sua vida. Ela reforça durante o contato com as responsáveis pela etapa do Comuncialab em que participou que o AE é um grupo de apoio para pessoas que querem melhorar seus relacionamentos familiares, que querem melhorar suas habilidades e competências nas interações profissionais e sociais de forma geral. Apesar dessa vertente ter sido sua porta de entrada no AE, Sonia é responsável pelas atividades com os dependentes químicos que frequentam a entidade em Sorocaba. Ela deixou de trabalhar para cuidar dos filhos e, quando resolveu voltar a estudar, descobriu os cursos do AE. Isso já faz mais de uma década e a cada seis meses um novo curso ou *workshop* com novidades aparece para ela seguir estudando e pesquisando.

⁹ www.amorexigente.org.br

Claudineia Mira – Instituto Plenu

Claudineia Mira (42 anos) é promotora legal popular formada pelo Instituto Plenu¹⁰, em Sorocaba, na turma de 2014. Atualmente Néia Mira, como é conhecida, organiza os cursos de formação de promotoras legais populares de forma totalmente voluntária. Sua história de vida está atrelada ao cenário de combate à violência contra a mulher e de empoderamento feminino, o que torna seu testemunho um exemplo das implicações do trabalho do instituto. Casada desde muito jovem, Néia só conseguiu estudar e buscar seu espaço de atuação profissional depois de conhecer o trabalho do Plenu. Ela está prestes a terminar a faculdade de Pedagogia, mas entende que dividirá sua atuação profissional com o trabalho do Plenu. As promotoras legais populares são formadas para dar apoio a mulheres vítimas de violência, pois conhecem os meandros legais de denúncia e registro de ocorrência, mas também são formadas para saber mais a respeito da saúde da mulher e outras questões que envolvem esse tipo de situação.

Considerações parciais sobre as mulheres engajadas

Essa etapa do projeto não tinha por objetivo apresentar apenas histórias de vida de mulheres. Ao buscar as personagens para compor essa parte da atividade do Comunicalab, as indicações e os contatos feitos com as instituições foram organicamente compondo esse panorama feminino. Apesar de não ter sido um objetivo de partida, entende-se que três das instituições escolhidas certamente seriam representadas por mulheres – Instituto Plenu, ONG Lua Nova e Momunes. Mas os responsáveis por essa etapa da atividade se deram conta de

¹⁰ www.plenu.org.br

estarem com um grupo totalmente formado por mulheres apenas depois de finalizadas as gravações das entrevistas.

Em algum grau, esse resultado chama a atenção para a participação das mulheres nesse tipo de atividade. As entrevistadas também possuem históricos semelhantes: todas são casadas, mães e algumas avós, têm formação e atuação profissional desenvolvidas em paralelo, anteriormente ou posteriormente à entrada nas entidades que representaram nas entrevistas. Isso significa que elas dividem suas atividades sociais com o trabalho e os afazeres com a família, denotando duplas ou triplas jornadas. Outro ponto de contato entre as entrevistadas é a faixa etária que gira em torno dos 50 e 60 anos, sendo as únicas a extrapolar essa marca Mazé Lima, a mais velha, e Néia Mira, a mais nova. Por último, a vocação pelo ensino, seja superior, básico ou infantil, também se apresenta com recorrência. A exceção, neste aspecto, é Sônia Morelli, que nunca atuou como professora.

No que diz respeito ao tipo de ação empreendida pelas entidades, observa-se uma variedade de populações marginalizadas. A questão feminina e racial, a violência sofrida por esses grupos, bem como a questão da drogadição e da segregação social por estereótipos resumem o foco presente nessas ações. A correlação entre o trabalho de Raquel Barros e Sônia Morelli é denotado pela questão da dependência química. A ONG Lua Nova também tem correspondência com parte do trabalho do Momunes que age no acolhimento de mulheres em situação de vulnerabilidade o que, de certa forma, também diz respeito às ações do Plenu. Esta última, embora não ofereça diretamente esse tipo de apoio, faz a intermediação entre quem tem a demanda e quem tem a oferta dessas ações. O apoio de formação e preparação para o mercado de trabalho é o ponto de contato da Lua Nova e do Amor Inclusivo. Assim,

permeando as várias frentes de atuação, observa-se que as instituições presentes nessa etapa do trabalho do Comunicalab compartilham muitos aspectos de suas ações, sendo o ponto comum de maior relevância o enfrentamento de estigmas que, em vários aspectos, podem e são transformados em orgulho de uma identidade, seja ela qual for, mas que parece aproximar essa realidade à lógica discutida por D'Andrea (2013) ao tratar do sujeito periférico. A marginalidade e o estigma dão lugar ao empoderamento e ao orgulho.

Midcid: bloco Profissões em Sorocaba, sob responsabilidade de Paulo Celso da Silva

No universo das pesquisas sócio-históricas e artísticas, a opção foi considerar o passado/presente da cidade de Sorocaba, tendo em vista como a produção da vida resultou e resulta da atividade profissional escolhida pelos participantes. Assim, o ferroviário Antonio Parra e a tecelã Maria de Camargo Perez, ambos aposentados e com uma jornada de vida já próxima dos 90 anos, puderam lembrar e mesmo reinterpretar fatos que consideraram marcantes, anedóticos, tristes, vividos na caminhada. Como sugere João Alexandre Barbosa, prefaciando a obra *Memória e Sociedade: "Caminhar e ver confundem-se nos confins da lembrança: o tempo de lembrar traduz-se, enfim, pelo tempo de trabalhar. Por isso, sem a memória do trabalho a narração perderia sua qualidade épica"* (1987, p. XV).

Nas histórias de Antonio Parra, uma característica marcante dos ferroviários da Estrada de Ferro Sorocaba (depois Fepasa, atualmente ALL - América Latina Logística) é o total apreço e dedicação pela 'oficina'. Lugar de trabalho e amizade, de reconhecimento dos talentos mecânicos na confecção e

criação de peças, soluções inusitadas e também desconfiança quanto à segurança propostas nos manuais de montagem das locomotivas: sempre era possível garantir mais uma volta em um eixo ou uma porca. Embora o manual mandasse dar dez voltas, uma a mais não era demais.

As greves também compõem o mundo do trabalho e reforçam laços de companheirismo. Assim, o ferroviário orgulha-se de que, em plena greve, ao anúncio de incêndio nas oficinas, muitos ferroviários correram para ajudar a apagá-lo. Nas greves vividas ou narradas, ficou a atitude da classe ferroviária diante da potência que representavam no contexto do operariado do Estado de São Paulo e sua luta por melhores condições de trabalho e vida.

A tecelã Maria de Camargo Perez viveu as experiências do campo e da cidade, sempre em Sorocaba. Como uma boa narradora, sabe que nem toda história é a mais engraçada ou a mais feliz. Ao contrário. Coisas entediadas também marcam uma boa história e, como afirmava Benjamin, “compreendi também que quem não fica entediado não sabe narrar, porém o tédio já não tem cabimento em nosso mundo” (2005, p. 31). Essa foi sua impressão quando relatava a infância, com toda família morando nos arredores da cidade, pois seu pai era lenhador. Naquela época, ficou fora da escola, mas ajudou seus cinco irmãos no aprendizado básico das contas e da alfabetização. Eram entediadas as horas nesse lugar que diziam “Sete Arqueiros”, porque o lugar tinha esse tamanho de sete alqueires (70 mil metros quadrados), lembrava sem saudades Maria.

Assim como Antonio Parra, o tempo de lembrar mistura-se ao tempo de trabalhar. Foi funcionária das cinco grandes fábricas de tecidos existentes em Sorocaba até os anos 1980 e, como mão de obra especializada na tecelagem,

ganhava mensalmente mais que seu marido, motorista de caminhão na Prefeitura Municipal.

Da cidade de Sorocaba, conheceu as transformações e o crescimento que as fábricas do setor mecânico trouxeram a partir de 1969. A cidade mudou e narrar suas nuances e peculiaridades traz à lembrança nomes e pessoas. Assim como para Benjamin, sua fala nos leva a compreender que as ruas são intersecções de nomes, de sentidos dados pelo narrador para novos sentidos que serão construídos pelo ouvinte.

Construir as personagens que viviam nesses lugares traz uma identificação nesse triângulo narrador-personagem-ouvinte. Isso porque o entrevistador conhece os lugares e reconstrói as personagens pelas descrições detalhadas, não apenas das aparências, mas de uma psicologia criada ao narrar. Assim, ouvir foi re-construir personagens em seus lugares na dialética das temporalidades diferenciadas do narrador e do ouvinte, e sintetizada na temporalidade re-construída que “dava outra vida” às pessoas e aos lugares. Um mapa mental criado por três participantes.

Luiz Carlos Rodrigues é natural do Paraná, mas cresceu no Estado de São Paulo. É mais conhecido como Luizinho nos meios de comunicação de Sorocaba, em especial no meio radiofônico no qual atua há mais de 30 anos, além de seu trabalho no laboratório de rádio da Uniso, iniciado em 2016.

Iniciou suas atividades ainda criança, primeiro vendendo doces e bolos nas imediações de sua casa e escola, na zona norte da cidade, área de casas populares e bairro operário ligado à indústria têxtil e depois à mecânica. Sua mãe o inscreveu na Guarda Miriam de Sorocaba, “para trabalhar e aprender mais disciplina e sair da rua”, conta.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p166>

“Foi a ‘Guardinha’ que me levou ao Rádio, primeiro no extinto supermercado Jumbo Eletro e depois na *Rádio Cacique*”. Nesta começou seu interesse pela área de Comunicação, pelas tecnologias, os aparelhos, discos, microfones em que aprendeu a mexer e a operar, observando os mais velhos. Vez ou outra saiam para tomar café e Luizinho cobria o radialista, tirando e pondo discos.

Completados 14 anos de idade e cobrindo um operador, o dono da rádio chega de surpresa. Assustado com uma criança no comando, adverte a todos os funcionários presentes. Um mês depois, chama os pais de Luizinho perguntando se eles concordavam do menino ser contratado.

Luizinho não parou mais com o trabalho na rádio e hoje ostenta uma pequena coleção de microfones, *pick-ups*, cabos e rádios guardados em sua casa, na tentativa de congelar temporalidades diversas de uma trajetória comunicacional.

“Aquele que colocar as mãos sobre mim, para me governar, é um usurpador, um tirano. Eu o declaro meu inimigo”. No final dos anos 1980, essas palavras de Pierre-Joseph Proudhon povoavam o cotidiano de Júlio César Bataiote, o Zorel -- como é conhecido no meio cultural de Sorocaba. Mas sua escala de atuação punk chega à Escandinávia.

Oriundo de família numerosa de classe baixa em um bairro operário de descendência italiana, desde pequeno aprendeu a dividir tudo com os demais. Era uma exigência para sobreviver. Licenciado em História, buscava na profissão uma forma de educar para outra sociedade, “se não fosse possível uma sociedade anarquista, ao menos uma menos excludente e mais igualitária”.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p166>

O reconhecimento no movimento punk local e internacional, com possibilidades de fazer por si mesmo (*do it yourself*), sem esperar gravadoras, apoios financeiros ou bons instrumentos, serviu para canalizar e conscientizar as inquietações que Zorel trazia de sua experiência sorocabana.

A necessidade de expandir os horizontes artísticos e sociais levou Zorel a aceitar o desafio de ser locutor na *Radio Core - Fox Rock Rock*, mas sem deixar a música nas bandas Tempos de Morte e Suit Side vs Veda.

Nami: bloco dos Jornalistas Literários de Sorocaba

A parte do projeto de extensão Comunicalab intitulada *Jornalistas Literários de Sorocaba* compreendeu a coleta de dez histórias de vida de jornalistas sorocabanos cuja produção contivesse elementos de jornalismo literário (LIMA, 2009; MARTINEZ, 2009, 2015, 2016).

Do ponto de vista teórico, entendemos atualmente o Jornalismo Literário na perspectiva estabelecida pela International Association for Literary Journalism Studies (IALJS) de jornalismo como literatura, isto é, que possui os procedimentos essenciais ao jornalismo (apuração ética e rigorosa, baseada em técnicas como a entrevista dialógica e aprofundada, entre outras) com a estética propiciada pela redação sofisticada desenvolvida com o emprego de técnicas oriundas da literatura. Compreendemos também que já há estudos suficientes neste campo, realizados nos Estados Unidos desde os anos 1980 (CONNERY, 1992; KRAMER, 1995; SIMS, 1984) e no Brasil desde os anos 1990 (LIMA, 1993), para que o Jornalismo Literário seja tido como uma disciplina (BAK; MARTINEZ, 2018).

Uma vez aprovados os nomes, passou-se ao contato com os dez profissionais para o agendamento da gravação, seguidos da pesquisa de perfil e

elaboração de roteiro de entrevistas. Foi providenciado também o espaço físico para a produção do projeto no campus, ficando à pasta pública a responsabilidade de gravação, edição e exposição pública dos vídeos. O desenvolvimento do projeto teve início no primeiro semestre de 2018, a partir de reuniões e acordos, e então foram iniciadas as gravações, que ocorreram de 14 a 28 de agosto do mesmo ano, no campus da Cidade Universitária Prof. Aldo Vannucchi.

Do ponto de vista de elaboração de roteiro de entrevistas, levou-se em consideração aspectos da formação pessoal em sua conexão com a formação profissional (ABREU, 2017; ADGHIRNI, 2017; TRAVANCAS, 1993). Em geral, os profissionais ligados ao universo do Jornalismo Literário tendem a apresentar uma cosmovisão de mundo humanizante e abrangente, que tenta ser compreensiva (KÜNSCH, 2014; MARTINO, 2014) e na perspectiva da complexidade (MEDINA, 2014; MORIN; MOIGNE, 2000).

Essa visão ampla exige, além do domínio de recursos literários e técnicas jornalísticas, conhecimento em vários campos, como História, Sociologia, Psicologia e Antropologia, entre outras. Pede, também, um profissional com sensibilidade apurada para a questão da alteridade, isto é, a abertura para a tentativa da compreensão do outro, sem que haja necessidade de endossar a visão de mundo. Afinal, sabemos de antemão o que já conhecemos sobre o mundo alheio. Interessa descobrir o que o outro pensa, sente e faz para criar relatos imersivos e envolventes:

Uma vez que se tenha um profissional qualificado para a prática, é necessário um campo fértil para acolher esse material produzido. A grande crítica ao Jornalismo Literário é a de que não há mais espaço para ele no mundo contemporâneo. A experiência, contudo, nos revela que há espaço sim, embora não hegemônico, e que os jornalistas talentosos conseguem, ao longo do tempo, impor seu estilo, embora não raro por meio da persistência. Mesmo nos diários de grande circulação, como *Folha de S. Paulo* e *Estado de S. Paulo*, no

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p166>

caso paulista, é possível encontrar profissionais de desempenho notável. Há, também no mundo atual, jornalistas responsáveis por muitos veículos corporativos que, caso possuam a visão necessária, estão em posição de influenciar os gestores a abrir espaços para as boas práticas. Às vezes, os espaços parecem não ser aproveitados não pela sua ausência, mas pela falta de planejamento. Um exemplo são as efemérides de cobertura anuais, como dia das mães e pais, que poderiam ser mais bem aproveitadas se os responsáveis planejassem um calendário anual que previsse o tratamento mais aprofundado e criativo nestas ocasiões, a exemplo do que ocorre nas publicações estadunidenses (MARTINEZ, 2016 apud GAPY, 2018, p. 40).

A tentativa de compreensão do universo do Jornalismo Literário sorocabano

Optamos por descrever a análise das experiências com os 10 jornalistas entrevistados, a partir da idade cronológica. A escolha da sequência nos dá entendimento ampliado não só da história local, como do jornalismo regional. Vale lembrar que, ao optar pela análise de jornada de cinco homens e cinco mulheres, a pesquisa abarca as questões de gênero dentro do desempenho profissional. Neste caso, observamos que:

Armando Oliveira Lima – 84 anos

Nascido em Sorocaba, casado e pai de seis filhos, é formado em Filosofia e Pedagogia, com mais de 50 anos de carreira – desenvolvida na mescla do professorado com atuação jornalística. Com cinco livros publicados, ele ocupa a cadeira de Monteiro Lobato na Academia Sorocabana de Letras. Entre os principais feitos, destaca a vivência durante a Ditadura Militar (1964-1985), a liderança da revista *A Fagulha* (1985) e prêmios jornalísticos da Prefeitura de Sorocaba. Anotar as principais ideias, envolvê-las com a literatura e escrever exaustivamente faz parte de seu método.

Sérgio Coelho – 78 anos

Casado há 55 anos e pai de três filhos, Coelho é formado em História e Geografia – graduações que fez na idade madura. Soma 52 anos de profissão, tendo trabalhado como repórter e editor nos jornais *Diário de Sorocaba* e no *Jornal Cruzeiro do Sul*, ambos em Sorocaba. Contudo, foi no *O Estado de S. Paulo*, o *Estadão*, e na revista *Globo Rural* que fez sucesso nacional e ganhou prêmios jornalísticos de reconhecimento, como o *Esso* e da *Rede Globo*. Mas é como escritor que diz ter mais prazer. Tem nove livros publicados, entre eles a pesquisa *Os Espanhóis* (1995), que conta a história da imigração no interior do Estado de São Paulo. Essa atuação sinaliza sua principal característica, a de pesquisar e ir a campo para escrever apoiado à exatidão.

Carlos Araújo – 57 anos

Divorciado e pai de dois filhos, um deles especial e falecido, Araújo é formado em Jornalismo e tem 31 anos de profissão. Trabalhou nos jornais do interior paulista *Diário de Sorocaba* e *Cruzeiro do Sul* - neste último por duas vezes, a segunda ainda permanece e oscila entre as funções de repórter, cronista e editor -, além de passagem pelo *O Estado de S. Paulo*, onde fez carreira de expressão nacional. Soma três prêmios jornalísticos associados aos Direitos Humanos e, como empresário há mais de 20 anos, soma a experiência de assessoria de imprensa empresarial e tem se dedicado à carreira de escritor, como cronista e biógrafo. Já escreveu sete livros, entre eles o *Companheiros* (2012), no qual narra a história do Sindicato dos Metalúrgicos de Sorocaba (SMetal), com prefácio do ex-presidente Luiz Inácio Lula da

Silva. Tem como método a mestiçagem de fatos históricos documentais com a oralidade.

Valdecir Rocha – 57 anos

Sorocabano, casado e pai de três filhos, sendo um menino e duas meninas, uma delas especial. É formado em Letras e Jornalismo, somando 38 anos de profissão. Trabalhou como repórter nos jornais *Diário de Sorocaba* e *Cruzeiro do Sul* e foi assessor de imprensa da Prefeitura de Sorocaba. Soma prêmio jornalístico pela Prefeitura de Sorocaba e ganhou destaque nacional pela cobertura da instalação do Centro Experimental Aramar, em Iperó (SP). Tem participação em vários livros de poesias e crônicas. Atualmente, é editor no *Cruzeiro do Sul* e dedica-se também aos cadernos especiais. Tem como principal método a apuração em campo, checagem de informações e lapidação de texto com recursos literários.

José Carlos Fineis – 56 anos

Casado e pai de dois filhos, tem graduação incompleta em Letras, com 40 anos de profissão, divididos entre reportagem e edição nos jornais *A Tribuna de Sorocaba* (extinto), *Cruzeiro do Sul* e *Bom Dia Sorocaba*, além de pesquisa, edição e finalização de livros pela empresa *Loja de Ideias*, que mantém com a esposa há 34 anos. Leitor voraz de livros e curioso sagaz, Fineis desempenhou no *Bom Dia Sorocaba* as funções de editor de Cultura e, depois, no *Cruzeiro do Sul*, chegou a editorialista, para concluir a jornada de 30 anos trabalhados como editor-chefe. Devido às funções, organizou e chefiou grandes publicações de

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p166>

especiais, revistas e compôs o *Manual de Redação*. Com os livros, finalizou, por exemplo, o *Mais de um Século de História Contado em Capas do Jornal Cruzeiro do Sul: 105 anos* (2008). Como empresário, participou também de vários documentários, como *Sorocaba: O rio de nossas vidas* (2005). Atualmente, dedica-se à consultoria editorial e coordena a página *Sorocaba Plural – Jornalismo Cidadão*. Seu método envolve pesquisa e exatidão oral associados à língua culta.

Telma Silvério – 48 anos

Guapiarense, ela é casada e tem um filho pequeno. Começou a trabalhar ainda adolescente, formou-se em técnico em Contabilidade e estagiou na Caixa Econômica Federal. Depois, formou-se em Letras e Jornalismo, somando atualmente 24 anos de profissão desempenhados como arquivista, fotógrafa e repórter-especial no jornal *Cruzeiro do Sul*. É vencedora de sete prêmios jornalísticos, seis deles de Direitos Humanos pela Associação Sorocaba de Imprensa (ASI) e um pela Prefeitura de Sorocaba. Seu método de trabalho é empírico, sempre em campo. Por meio dele desenvolveu, como fotógrafa, o premiado *Mapa da Fome* – desenvolvido na região administrativa de Sorocaba, e o *Marcas Nazistas na Região*, que lhe rendeu reconhecimento nacional e internacional – ambos pelo *Cruzeiro do Sul*. Atualmente, ela se dedica à comunicação interna de uma Organização Não-Governamental.

Daniela Jacinto – 42 anos

Sorocabana e solteira, ela é formada em Pedagogia e Jornalismo. Tem 22 anos de profissão e experiência em jornalismo impresso e digital

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p166>

– este último sendo considerada a primeira jornalista sorocabana a trabalhar com jornalismo eletrônico -, devido suas passagens pelos jornais *Diário de Sorocaba* e *Cruzeiro do Sul* – onde atualmente é repórter-especial. É especialista em Arte e Cultura, além de autora de três livros ainda em processo de publicação. Entre eles, a pesquisa *As Mulheres Sentadas de Anita Malfatti*. Seu método de apuração é moroso, como ela mesma define, com elevada pesquisa documental e de trabalho em campo, o que a levou a vencer alguns prêmios regionais, como o de 2014, pela Associação Sorocabana de Imprensa (ASI) pela reportagem seriada *Quilombo Os Camargo – Apagão Histórico*. Atualmente, coordena a página *Estudos em Sorocaba* e desenvolve especiais atrelados à Educação no jornal *Cruzeiro do Sul*.

Juliana Simonetti – 38 anos

É sorocabana, casada e formada em Jornalismo, com especialização em História e Teorias da Arte – que resultou no livro *Poieses*, uma reflexão sobre a obra de artistas de Londrina (PR). Tem 15 anos de experiência e trabalhou nos jornais *Bom Dia Sorocaba* e *Cruzeiro do Sul*. No primeiro, foi repórter de cultura e desenvolveu, em 2007, a reportagem seriada *Comitiva Sertão das Gerais*, quando percorreu o caminho de Guimarães Rosa pelo sertão mineiro. A peça foi vencedora do prêmio nacional da Embratel e, em 2010, virou livro, intitulado *Travessia*, que venceu o prêmio de literatura pela Prefeitura de Sorocaba. No *Cruzeiro do Sul* foi editora do caderno de Cultura e desenvolveu especiais. Curiosa e com bagagem literária, tem faro para histórias excepcionais do cotidiano e mescla língua culta com poesia. Atualmente,

dedica-se ao laboratório de vídeos poéticos junto do marido, o músico Fábio Gouvea.

Leila Gapy – 37 anos

Sorocabana, casada e mãe de uma menina. É formada em Jornalismo, especialista em Jornalismo Literário e mestre em Comunicação e Cultura. Tem 15 anos de experiência profissional em jornalismo impresso, com a maior parte desempenhada no jornal *Cruzeiro do Sul* – onde passou por várias editorias, desenvolveu especiais, séries e revistas -, além de passagens autônomas pelas editoras nacionais *OnLine* e *Escala*, e participações especiais em *Brasil Observer*, *Diário do Comércio de Piedade* e *Arquidiocese de Sorocaba*. Também trabalhou com assessorias empresariais e políticas locais. Tem três prêmios regionais atrelados aos Direitos Humanos e outros seis, de forma coletiva, por participação em revistas pela Prefeitura de Sorocaba. Tem como método principal a observação e coleta de dados orais e documentais, com foco no desenvolvimento do Jornalismo Literário. Tem duas biografias familiares concluídas e atualmente é professora de comunicação e escrita.

Carolina Santana – 35 anos

É paulistana, solteira e residente em Sorocaba há 25 anos. É formada em Jornalismo e Direito – exercendo esta profissão há um ano. Tem 13 anos de experiência em jornalismo impresso, com passagens por campanhas políticas nacionais, assessoria de imprensa empresarial de grande porte, além de desempenho na reportagem do *DCI-SP*, *Diário de*

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p166>

Sorocaba e Cruzeiro do Sul. Neste último, acumula dez anos de casa e é atualmente editora. Acumula três prêmios atrelados aos Direitos Humanos e desempenho em grandes reportagens regionais como a Desinstitucionalização Manicomial (2015) e a queda do muro da Cianê (2012). Seu método de produção envolve apuração documental e legislação vigente.

Análise do perfil dos jornalistas literários de Sorocaba

O que percebemos no conjunto das entrevistas entre os jornalistas é que a média de idade gira em torno dos 53 anos de vida, sendo os homens com 66 e as mulheres com 40. Se lembrarmos que foram convidados profissionais que têm produção de relevância atrelada ao Jornalismo Literário, compreendemos que o desempenho profissional desses profissionais de destaque, sem dúvida, está atrelado à maturidade, uma vez que o conhecimento decorre não somente de o jornalista ter mais de uma graduação ou especialização, mas também da própria experiência de vida. A média etária menor das mulheres sugere o crescente processo de feminização do mercado jornalístico (DA SILVA; MAROCCO, 2018; DEL PRIORE, 1995; GUDUPATY et al., 2017).

O fato é que, independente do gênero, todos demonstraram paixão pela profissão e vontade de fazer diferente, driblando dificuldades editoriais, financeiras e até pessoais. Apesar de crermos que o Jornalismo Literário é uma disciplina acessível e possível, de alguma forma é importante ter em mãos a informação do desempenho atrelado à maturidade, conhecimento multidisciplinar e vocação.

No conjunto do grupo entrevistado pelo projeto Comunicalab, averiguamos que os jornalistas têm como principal método de trabalho a

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p166>

pesquisa empírica, de campo e de observação, juntamente com a mistura de análise documental, notabilizando-se pela exatidão como principal pilar do Jornalismo Literário, de acordo com os estudos de Lima (2009). Além disso, foi observado também que todos têm como espinha dorsal de suas produções a composição em cima de personagens, alicerçando as narrativas na humanização dos textos.

Obviamente, cada profissional carrega para as produções e métodos também suas características individuais e formas de olhar o mundo. É o caso de Armando Oliveira Lima, Valdecir Rocha e Carlos Araújo, que têm bagagem literárias – portanto, além de duas produções jornalísticas, desenvolvem peças atreladas à poesia, por exemplo. Ou ainda Carolina Santana e Telma Silvério, que carregam características associadas à legislação e destacam a humanização em suas peças jornalísticas. Já Daniela Jacinto e Juliana Simonetti associam suas produções à criatividade textual, proveniente do conhecimento literário.

No entanto, o que observamos também é que entre todos os entrevistados a maioria tem uma segunda graduação, seis entre dez. E, entre os quatro restantes, dois têm especialização e apenas um não completou a graduação. Além disso, somente um dos entrevistados tem estudos formalizados em Jornalismo Literário. O que nos leva a observar que, além de características únicas de personalidade, o interesse por estudos, por metodologias inovadoras, formas diferentes de fazer o jornalismo é uma constância. Esse percurso profissional que sinaliza o anseio por melhorias nos mostra também o desempenho do Jornalismo Literário de forma intuitiva.

No entanto, esse desempenho de certa forma ainda é tímido se compararmos a experimentos cada vez mais atuantes em algumas localidades, como nos grandes veículos e capitais, a exemplo do *Tribuna de Minas*, em Juiz

de Fora (MG) - que se equipara em população e empresa ao jornal *Cruzeiro do Sul* -, ou ainda *Correio Braziliense* e *Diário de Pernambuco*, que têm investido em produções de Jornalismo Literário. Talvez esse desempenho tímido seja o foco de possíveis e futuros estudos. Mas, ao que parece, acompanha o ritmo e *modus operandi* sociocultural da cidade, tida como conservadora em várias frentes, como empresarial e artística.

De qualquer forma, vale destacar, mais uma vez, a existência desse desempenho, ainda que intuitivo, associado a, pelo menos, três pilares do Jornalismo Literário: exatidão, humanização e criatividade.

Considerações de um projeto em andamento

O resultado final deste projeto, que se encontra em fase de edição, deverá integrar o acervo midiático de um Museu da Pessoa virtual, que está sendo desenvolvido pela municipalidade. Esta parte do projeto está em fase de execução, sem data prevista para término, constituindo-se, assim, num diálogo claro entre pesquisa, extensão e ensino, com ganhos à comunidade acadêmica, à área do conhecimento e à sociedade, em termos de memória e representatividade.

Referências

- ABREU, A. A. **Desafios da notícia**: o jornalismo brasileiro ontem e hoje. Rio de Janeiro: FGV, 2017.
- ADGHIRNI, Z. **O jornalista**: do mito ao mercado. Florianópolis: Insular, 2017.
- BAK, J. S.; MARTINEZ, M. Introduction: Literary Journalism as a Discipline. **Brazilian Journalism Research**, v. 14, n. 3, p. 620–627, 28 dez. 2018.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BENJAMIN, W. **Historias y narraciones**. Barcelona: El Aleph Editores, 2005.

BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1987.

CONNERY, T. B. **A sourcebook of American literary journalism:** representative writers in an emerging genre. New York: Greenwood, 1992.

D'ANDREA, T. P. **A formação dos sujeitos periféricos:** cultura e política na periferia de São Paulo. 295 f. Tese. Doutorado em Sociologia. Orientadora: Profa. Dra. Vera da Silva Telles. Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2013.

SILVA, M. V.; MAROCCO, B. The Feminine in the "Reporter Book": An Epistemological View on Gender and Journalistic Practices. **Brazilian Journalism Research**, v. 14, n. 1, p. 30–53, 30 abr. 2018.

DEL PRIORE, M. **Ao sul do corpo:** condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1995.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005, p. 62–83.

GAPY, L. **Ponto e vínculo:** jornalismo literário e séries de reportagens. [s.l.] Universidade de Sorocaba, 2018.

GUDUPATY, N. et al. Gender: towards equality? In: RAMAPRASAD, J.; PASTI, S. (eds.). **Contemporary BRICS Journalism: Non-Western Media in Transition.** London/New York: Routledge, 2017, p. 104–129.

KRAMER, M. Breakable Rules for Literary Journalists. In: SIMS, N.; KRAMER, M. (eds.). **Literary journalism:** a new collection of the best American nonfiction. New York: Ballantine Books, 1995, p. 21–34.

KÜNSCH, D. A. A comunicação, a explicação e a compreensão: ensaio de uma epistemologia compreensiva da comunicação. **Líbero**, v. 17, n. 34, p. 111–122, 2014.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Unicamp, 1993.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. São Paul: Manole, 2009.

MARICATO, Ermínia. Urbanismo na periferia do mundo globalizado – metrópoles brasileiras. **São Paulo em perspectiva**, v. 14, n. 4, São Paulo, out/dez., 2000.

MARTINEZ, M. **Jornada do herói:** estrutura narrativa mítica na construção de histórias em jornalismo. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.

MARTINEZ, M. Jornalismo literário: um gênero em expansão. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 32, n. 2, p. 199–215, 2009.

MARTINEZ, M. A história de vida como instância metódico-técnica no campo da Comunicação. **Comunicação & Inovação**, v. 16, n. 30, p. 75–90, 25 fev. 2015.

MARTINEZ, M. Reflexões sobre Jornalismo e História Oral: um campo com mais convergências do que dissonâncias. **Revista Observatório**, v. 2, n. 1, p. 75, 1 maio 2016.

MARTINO, L. M. S. A compreensão como método. In: KUNSCH, D. A. et al. (eds.). **Comunicação, diálogo e compreensão**. São Paulo: Pêiade, 2014. p. 17–37.

MEDINA, C. **Entrevista:** o diálogo possível. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

MEDINA, C. Narrativas da contemporaneidade: epistemologia do diálogo social. **Tríade**, v. 2, n. 4, p. 8–22, 2014.

MORIN, E.; MOIGNE, J.-L. L. E. **A inteligência da complexidade**. São Paulo/Peirópolis: Fundação Peirópolis, 2000.

SANTOS, Milton. **Economia espacial:** críticas e alternativas. Hucitec: São Paulo, 1979.

SIMS, N. **Literary Journalists**. New York: Ballantine Books, 1984.

TRAVANCAS, I. S. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993.

TORRES, Haroldo da Gama. MARQUES, Eduardo. FERREIRA, Maria Paula. BITAR, Sandra. Pobreza e espaço: padrões de segregação em São Paulo. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 47, São Paulo, jan. abr 2003, p. 97-128.